

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES:  
ESPAÇO DE ESTUDO  
E PESQUISA**



## **O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO "TIA" NAS RELAÇÕES EDUCATIVAS QUE OCORREM NA EDUCAÇÃO INFANTIL\***

*Greice M. Chaves Paim\*\**

Este estudo tem seu foco principal centrado na tentativa de compreender o significado da expressão "tia" nas escolas infantis, procurando entender o que concretamente justifica tal tratamento na relação professor/aluno e quais as implicações ideológicas que envolve a tarefa profissional da professora, especialmente na educação infantil.

Tendo em vista a complexidade da escola, assim como das relações ali estabelecidas, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa com base na metodologia de análise de conteúdo para tratamento dos dados e informações.

Com a intenção de ouvir o outro e de fazer emergir seu discurso é que trabalhamos com entrevistas semi-estruturada, de forma a compreender não só a dimensão individual, mas também a coletiva, como grupo pertencente a uma categoria profissional e social.

A educação infantil, tradicionalmente, não teve muito claramente definida sua função. Os aspectos cognitivos disputam com os afetivos, constituindo-se num espaço híbrido de socialização, que confunde público e privado ao fazer da escola infantil um "segundo lar", através de práticas que vão dos treinamentos ao espontaneísmo, e da professora a "segunda mãe": a tia.

---

\* Artigo escrito a partir da dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da PUCRS, em 1996.

\*\* Professora e pesquisadora na UNIVATES.

Nesse contexto é que procuramos compreender os "atravessamentos" ideológicos do discurso do amor, da vocação, como elementos considerados exclusivos para o exercício da docência, especialmente nas escolas infantis, onde o trabalho educativo é considerado uma extensão do trabalho doméstico.

A prática docente encontra-se impregnada de um imaginário sobre seu papel profissional, e este entrelaça-se às representações sobre seu papel como mulher, sendo que ambos foram construídos a partir de suas relações sociais concretas e elaborados psiquicamente, através de uma constante relação entre o mental e o social. Essas representações encontram na escola um espaço propício para seu florescimento e materialização.

A professora de classes infantis, por seu trabalho com crianças, suscita no imaginário social idéias, conceitos, valores e preconceitos muitas vezes paradoxais. Ora são supervalorizadas, ora são ridicularizadas por trabalharem apenas com crianças. As crianças também são vistas de forma paradoxal: ora supervalorizadas, ora vistas como incapazes socialmente. Isso faz com que se estabeleça uma associação entre a criança e a mulher-professora, e ambas passam a ser desqualificadas e infantilizadas.

O magistério constitui-se numa profissão essencialmente feminina, apesar das transformações socioculturais ocorridas na sociedade contemporânea. Isso porque a docência se consolidou como carreira feminina, pois foi um dos primeiros campos profissionais que se abriu para as mulheres sob olhar provedor da sociedade. O magistério seria adequado às mulheres em função do argumento construído dentro da ideologia do patriarcado que associa a tarefa docente com a maternidade.

Essa ideologia colaborou e continua, ainda hoje, a influenciar as mulheres que justificam sua escolha pelo magistério pelo fato de "gostar muito de criança", ter vocação ou "desde criança pensava em ser professora". O conceito de vocação foi enfocado pelas professoras entrevistadas como algo muito forte, em que as mulheres têm dom natural e uma predisposição para desempenhar a tarefa docente.

Outro mecanismo ideológico que contribuiu para que o magistério se firmasse como trabalho de mulher no entendimento das professoras entrevistadas se reflete no discurso do salário complementar, em que podemos observar que ainda persiste a idéia de que o homem deve receber melhor salário, pois geralmente, "ele é o chefe de família e precisa receber melhores salários para sustentar a casa". Essa idéia corresponde à posição submissa e subalterna que a mulher ocupa na sociedade patriarcal, a qual produziu uma concepção de feminino, sendo tomado como natural que este feminino se comporte segundo o estabelecido pela estrutura social.

A posição subalterna e a desvalorização social das mulheres é transferida para a escola e se torna determinante na relação entre o trabalho docente e a função da "tia" na escola infantil.

Os estereótipos acerca da natureza feminina são enfocados para justificar a adequabilidade da mulher para o magistério. A idéia de que a mulher possui uma vocação materna para a docência é incorporada pelas professoras que, na maioria das vezes, atuam na escola infantil como uma extensão do trabalho doméstico.

A relação mãe/mulher é transferida para a escola infantil, onde a professora desenvolve seu trabalho baseada mais em noções de cuidados e assistência à criança, como tem se constituído historicamente o atendimento em creches e instituições infantis em nosso país, do que na efetivação de um trabalho de qualidade, fundamentado no processo educacional da criança e, por isso mesmo, exigindo estudos constantes de capacitação e atualização.

O papel da professora na educação infantil, atualmente, reveste-se de faces contraditórias de uma mesma realidade concreta. De um lado, a docência é uma atividade que requer competência, conhecimentos e capacitação para o exercício da profissão. Por outro lado, a atividade docente com crianças é balizada pela socialização doméstica, em que desenvolve-se um trabalho não-intencional, desprofissionalizado; qualquer pessoa pode ser professor(a), fortalecendo, assim, a dimensão afetivo-sentimental que envolve o papel da "tia" na escola infantil.

Desta forma, o termo "tia" representa uma analogia com os traços maternos com que a docência se confunde; a professora cuida,

toma conta, ocupa o tempo das crianças, mas pouco se preocupa com o ensino e às vezes até mesmo a própria instituição infantil e a sociedade como um todo não reconhecem o papel pedagógico da escola infantil.

As ideologias que perpassam o trabalho docente contribuem para mascarar as reais circunstâncias que subjazem as situações de ensino, dificultando o afloramento da consciência crítica das professoras e professores, em que ficam "adormecidos" o conflito e a contradição. Ora prevalece o bom senso e a reflexão, ora prevalece a mentalidade ideologizada.

Ciampa (1992) diz que a identidade é construída no contexto social em que estão imbricadas as relações estabelecidas com o grupo de que fazemos parte e com o meio onde vivemos, pelo nosso agir. E é nesse agir, nesse fazer que nos tornamos algo. Para o autor, nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática.

A identidade da professora, da profissional que atua na educação infantil é construída no contexto histórico social, em que estão imbricados os âmbitos privado e social da vida das professoras, das famílias e das crianças, dificultando, muitas vezes, a delimitação do espaço da ação docente. A atividade educativa formal na escola infantil, não é facilmente demarcável como ocorre em outras áreas profissionais.

No entanto, parece que a denominação "tia-professora", encontrada em algumas escolas pesquisadas para esse estudo, constitui-se numa tentativa de incorporar à profissão de professora a concepção que a identifica como uma tarefa realizada com profissionalismo e afetividade (concretizada no tratamento tia). Isso leva-nos a entender que a educação escolar, especialmente com crianças, não pode ser um campo neutro, marcado pela impessoalidade nas relações, mas que a qualidade dos vínculos estabelecidos são importantes para o desenvolvimento do trabalho a ser realizado e nas interações que se estabelecerão entre os envolvidos no processo de ensinar e aprender.

Esta dimensão volta-se para a necessidade de repensarmos a condição dessa profissional que atua com crianças e o que seria uma pedagogia para a educação infantil que contribuisse para a qualidade do atendimento às crianças, buscando refletir e vislumbrar caminhos para a recuperação de sua identidade profissional, dando novo sentido a sua

prática e as suas lutas profissionais por melhores salários e condições de trabalho.

Sendo assim, se desejamos uma escola infantil segundo um modelo diferente do hoje existente, é certo que a questão da formação e atualização das professoras passa a ser um dos eixos centrais no redirecionamento de seu fazer pedagógico, mas é preciso também refletir sobre as dissimulações, representações e valores que revestem o exercício do magistério.

Fernandez (1994) diz que

conhecer os atravessamentos ideológicos que suportam nossa tarefa nos dá a possibilidade de nos autorizarmos a mudar nossa maneira de nos inserir na mesma, isto é, a pensar com autonomia. Diz respeito a não continuar contando a história a partir do lugar de outro - trata-se de começar a escrever nossa própria história.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIAMPA, A . Identidade. In. LANE, S. e CODO, W. (org.). **Psicologia social: O homem em movimento**. 10. ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FERNANDEZ, Alícia. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.